

Representações sobre um processo de transformação demográfica: experiências de novos moradores em Florianópolis (1970 – 2000)

Representations of a process of demographic transformation: the experiences of new residents in Florianópolis (1970 - 2000)

Rafael Damaceno Dias
Doutorando, PPGH-UFPR
Bolsista Capes-PDSE
rafaelcielo@yahoo.com.br

Resumo: O texto pretende apresentar uma hipótese investigativa relacionada com as peculiaridades da migração acontecida em Florianópolis nas últimas décadas do século XX. Dentre elas se destaca a importância dos contingentes migratórios para a reorganização de alguns espaços sociais e simbólicos existentes até aquele período nesse município. Para a elaboração dessa hipótese se utilizará como fontes de pesquisa depoimentos, crônicas jornalísticas e dados censitários do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

Palavras-chave: migração; Florianópolis; imprensa

Abstract: The text intends to present an investigative hypothesis related to the peculiarities of the migration happened in Florianópolis in the last decades of the twentieth century. It can be perceived that migrants were important for the reorganization of some social and symbolic spaces until that time in this city. For the preparation of this hypothesis will be used as documents, journalistic chronicles, interviews and census data from the Brazilian Institute of Geography and Statistics (IBGE).

Keywords: migration; Florianópolis, press

As representações de uma parcela dos moradores de Florianópolis sobre as transformações urbanas e demográficas nesse município entre 1970 e 2000 possuem arestas que impedem uma interpretação livre de contradições sobre o período. Por um lado uma parte da memória social entende que Florianópolis teria se tornado um lugar menos prazeroso para se viver. A senhora Maurina, de 56 anos, migrante, nascida na zona rural do município de Urubici, localizado no planalto catarinense, assim expressa esse sentimento: “antigamente tudo era mais simples, hoje é muito complicado” quando destaca que na década de 1970, período em que ela passou a residir em Florianópolis, as situações tensas vivenciadas no ambiente de trabalho ou na esfera privada, eram resolvidas de forma menos atribulada, “sem tanto estresse”. Por certa ótica, a visão presente nessa fala sobre o lugar em que Maurina construiu uma boa parte de sua vida pode ser vista como uma tentativa de tornar a aridez da



paisagem urbana em algo menos frio e mais colorido. Como uma espécie de exercício mental de transformação da pedra em carne para fazer uso de uma metáfora cara a Sennett (2001). De acordo com Mafesolli (2005), em contraste com o período relacionado com a aurora da era moderna, em que Weber identificava um processo de “desencantamento do mundo” nas cidades européias, caracterizado pela super valorização da racionalidade e da crença na capacidade da resolução dos problemas humanos pelo conhecimento científico, o final do século XX seria caracterizado por um período de “encantamento do mundo”, relacionado com a super valorização dos aspectos simbólicos da realidade como instrumento de tradução (seja ela lingüística ou imagética) das vivências nas sociedades humanas.

Contudo, quando se leva em conta outras dimensões das transformações acontecidas em Florianópolis, as impressões dessa depoente não permite associá-la a qualquer “tristeza causada ao exilado pelas saudades da pátria” que é o significado da palavra nostalgia em um dicionário de Língua Portuguesa. Pelo contrário, pessoas que compartilham das observações da senhora Maurina quanto à idéia de que as relações humanas se processariam de forma mais cordial em Florianópolis em um passado por eles vivenciado, também ressaltam que muitas das transformações acontecidas no município foram positivas: “hoje tem mais movimento, está melhor para trabalhar. Na antiga era difícil, tinha de suar”. De forma inteligente, mas de maneira simples, acordada com sua precária escolaridade, o senhor Airton destaca que o aumento populacional associado por ele à dinamização da estrutura econômica local teria levado a melhoria das condições sociais da população do município. Essa leitura da realidade, contudo, parece não ser específica de sua posição social porque em um patamar bastante diferente, o mais destacado colunista social de Santa Catarina, manifesta opinião semelhante. Ao mesmo tempo em que ressalta a cordialidade como o traço definidor do florianopolitano de “antigamente”, Cacau Menezes utiliza um adjetivo bastante sugestivo ao referir-se à sua visão de que os antigos residentes de Florianópolis deveriam gozar de uma prerrogativa no espaço social do município: “nós ficamos em todos os momentos. Então, agora que a cidade está boa, eles tem que nos respeitar”. É possível perceber, na fala desses indivíduos, que determinadas recordações que poderiam evocar desprazer ou mesmo tristeza podem ter adquirido por meio de um processo semântico sentidos mais agradáveis e menos tensos. Em certo sentido, esse processo pode estar relacionado com a tentativa da construção de uma resposta lógica frente à pergunta do pesquisador, na tentativa de promover uma percepção coerente e legitimadora da forma com que eles opinam sobre o presente. Contudo, o controle sobre esse processo não é total porque essa coerência é traída vez ou outra pelas emoções que



o exercício de recordação enseja. Nesses momentos, a memória que se desejaria construir é danificada pelo aparecimento de percepções contraditórias sobre o passado.

A complexidade e as contradições existentes nas percepções sobre o período localizado entre 1970 e 2000 em Florianópolis poderiam ser atribuídas à multiplicidade de interpretações possíveis sobre um determinado acontecimento. Considerando, como Bosi (1979), que “o que fica, é o que significa”, as diferentes percepções sobre a cidade poderiam ser vistas como um emaranhado de sentidos recriados em que atuam e atuaram forças de seleção, exclusão e criação de acontecimentos. Contudo, como em todo emaranhado, ali também existem pontas soltas que quando desatadas podem ajudar na liberação de alguns metros de fio que podem ser utilizados na produção de outros emaranhados. No caso de um historiador formado por meio de sua metodologia: “o gesto que liga as idéias aos lugares é, precisamente, um gesto de historiador” (CERTEAU, 1982, p. 65). Esse texto pretende desenrolar alguns nós associados com a reorganização espacial e simbólica acontecida em Florianópolis nas últimas décadas do século XX a partir da elaboração de uma hipótese sobre alguns conflitos socioculturais acontecidos.

Representações

A partir da década de 1970 é possível identificar a existência de uma percepção na imprensa que circulava em Florianópolis de que as transformações urbanas e demográficas que este município vivenciava naquele momento estariam modificando radicalmente os modos de ser e de viver que ali existiam.

As crônicas do período entendiam que a década de 1970 poderia ser vista como um período que demarcaria simbolicamente duas cidades: a cidade antiga que estaria deixando de existir e a cidade nova. Essa oposição vinha acompanhada de um sentimento de nostalgia que associava a cidade antiga com um lugar melhor para residir. Nessa nostalgia a cidade surgia como um lugar em que a violência urbana era desconhecida e, além disso, caracterizado por supostas relações de cordialidade entre negros e brancos.

Contudo, o elemento que com maior intensidade era utilizado para diferenciar simbolicamente a cidade antiga da cidade nova era a presença de migrantes. Alguns excertos retirados de crônicas publicadas na imprensa local a partir da década de 1970 exemplificam isso:



- 1) “Mas eu não tenho nada contra gaúchos. Até que muito pelo contrário. Afinal, não é o gaúcho o centauro dos pampas? E como gosto de mitologia, vai daí que... Agora, gaúcho ou quem quer que seja, tem de estar no seu devido lugar. A não ser que esteja em Nova Iorque que é uma cidade cosmopolita e ninguém é de ninguém, muito menos de lugar algum. Mas Flops é uma cidadezinha de nada, é nossa, somos bairristas o suficiente pra impedir que os outros (gaúchos ou não) venham bater com os costados numa de nossas quarenta e três praias. Aliás, são por causa dessas (mal) ditas quarenta e três praias que vem todo mundo prá cá. Tirar a nossa paz, de saudosa memória”¹.
- 2) “Há pessoas que tem a mania de achar que a coluna tem algo contra os gaúchos: imagina!
Só aqui em Santa Catarina, aproximadamente 1 milhão deles vieram dos pampas e se instalaram – desempenhando de montão, dando um chega pra lá no Catarina acomodado e preguiçoso que até há pouco se achava dono da situação. Porém quando retornou do cafezinho do Ponto Chic, o gaúcho já era seu chefe...”²
- 3) “E vieram os eletrosuis, os tchês, os PTs, os do contra tudo e contra todos, os invasores, os favelados, os poluidores, e muita gente daqui descobre agora que já foi feliz e não sabia”³.
- 4) “Florianópolis se transformou na ilha dos intrusos. É impressionante como tem gente de fora cuspidando no prato que come. Chegam aqui e querem mandar em tudo. Imagine um paulista no Rio escrevendo nos jornais cariocas contra a cidade deles, falando mal de Flamengo e Botafogo, dos símbolos deles, etc. Seria linchado. Aqui deitam e rolam e ainda são aplaudidos. Querem até fazer prefeitos. Não aceito. Os incomodados que se retirem. Ou então que vão mandar na casa deles. O comodismo dos nativos, a omissão de quem tem que defender seu chão, sua casa, sua cidade, seus símbolos, sua raiz, impedindo as transformações que querem os que agora chegaram, está transformando nossa cidade numa colcha de retalhos ou na casa da sogra. Acorda Floripa. Vamos reagir. Limitar o poder dos forasteiros é fundamental, antes que nos descaracterizemos por total. É preciso respeito. Nós somos tolos, mas não muito como pensam alguns forasteiros”⁴.

Conforme é possível perceber nos excertos acima a presença de migrantes em Florianópolis é vista de forma pejorativa. Os comentários sobre os novos moradores de Florianópolis vêm acompanhados de manifestações de hostilidade e a migração é associada pelos cronistas a desorganização social do município.

A presença de grande número de migrantes em Florianópolis na segunda metade do século XX é inegável. Contudo, a percepção de que esse município teria sido alvo de uma invasão merece ser problematizada já que diacronicamente esse fluxo migratório possuiu algumas peculiaridades. A observação dos dados do IBGE, por exemplo, ora pode servir para corroborar a idéia de uma invasão de migrantes, ora sugere que se realize um questionamento

¹ STODIECK, Beto. O ESTADO. Florianópolis, 06 dez. 1974.

² STODIECK, Beto. O ESTADO. Florianópolis, 07 setembro 1988.

³ MENEZES, Cacau. DIÁRIO CATARINENSE. Florianópolis, 03 out. 1992.

⁴ MENEZES, Cacau. DIÁRIO CATARINENSE. Florianópolis, 10 abr. 1998.



dessa percepção. No que se refere aos migrantes advindos do Rio Grande do Sul, um dos contingentes que surgia com maior frequência nas crônicas, é interessante observar os seguintes dados:

Tabela I: Número de pessoas provenientes do Rio Grande do Sul e a percentagem relativa à população de Florianópolis.

	Número de pessoas provenientes do RS residentes em Florianópolis	Percentual em relação à população do município
Censo 1980	4216	2,2%
Censo 1991	9101	3,6%
Censo 2000	31524	9,2%

Fonte: tabela elaborada a partir dos dados censitários do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE)⁵.

Os dados contidos na tabela I sugerem que a idéia de uma invasão de gaúchos em Florianópolis precisa ser problematizada já que não existia grande contingente dessa procedência residindo nesse município até o ano de 1990. Para a década de 1990 os dados permitem que se compreendam em parte as razões dos cronistas em ressaltarem a presença de sulriograndenses em Florianópolis haja vista que seu número foi realmente expressivo no ano de 2000.

Outros dados censitários também podem ser utilizados para corroborar a idéia de uma invasão de migrantes em Florianópolis, especialmente quando se realiza uma comparação de sua estrutura populacional com a das outras duas capitais da região Sul do Brasil:

Tabela II: número de residentes em Florianópolis, Porto Alegre e Curitiba e percentual de pessoas não nascidas em relação àquelas nascidas.

		1960	1970	1980	1991	2000
Fpolis	Percentual de migrantes	16.786 (17,2%)	30.894 (22,3%)	68.436 (36,4%)	99.432 (38,9%)	153.418 (44,8%)
	Percentual de pessoas nascidas no município	81.041 (82,8%)	107.447 (77,7%)	119.435 (63,6%)	155.958 (61,1%)	188.897 (55,2%)
Porto Alegre	Percentual de migrantes	261.544 (41,2%)	397.329 (44,9%)	539.050 (47,9%)	514.361 (40,7%)	522.692 (38,4%)
	Percentual de pessoas nascidas no município	373.581 (58,8%)	488.212 (55,1%)	586.428 (52,1%)	749.042 (59,3%)	837.898 (61,6%)
Curitiba	Percentual de	137.851	277.500	568.782	626.073	756.799

⁵ Os dados referentes ao total da população de Florianópolis entre 1980 e 2000 são os seguintes: em 1980 era de 187.880 pessoas, em 1991 era de 255.388 pessoas e em 2000 era de 342.315 pessoas. Dados retirados dos censos realizados pelo IBGE.



migrantes	(38,6%)	(45,6%)	(55,5%)	(47,6%)	(47,7%)
Percentual de pessoas nascidas no município	218.979 (61,4%)	331.526 (54,4%)	456.198 (44,5%)	688.962 (52,4%)	830.516 (52,3%)

Fonte: tabela elaborada a partir dos dados censitários do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

Como é possível perceber a partir dos dados da tabela II Florianópolis vivenciou numericamente um importante fluxo migratório a partir da década de 1970. Foi apenas nesse município que a participação percentual de migrantes no conjunto da população aumentou sem interrupções entre 1960 e 2000.

Hipótese de pesquisa

Os dados do IBGE podem ser utilizados tanto para corroborar quanto para negar a idéia de uma invasão de migrantes em Florianópolis. Levando isso em conta, como explicar as incongruências entre as percepções dos cronistas locais que afirmavam incessantemente uma invasão com os dados do IBGE que em alguns momentos negam essa idéia?

Pode-se construir uma hipótese de trabalho para interpretar essas incongruências com base em uma suposição: não era o número de migrantes que mais incidia nas representações dos cronistas locais sobre o processo migratório, mas sim um tipo específico de migrante. Nesse caso, o alvo das crônicas parece ter sido os migrantes possuidores de elevado capital global⁶.

Quanto à presença de migrantes desse tipo em Florianópolis alguns pesquisadores já enfatizaram que esse movimento foi bastante importante. Na década de 1970, por exemplo, chegaram à cidade entre os anos de 1976 e 1977 em função da instalação da empresa Eletrosul Centrais Elétricas 600 famílias cujos funcionários possuíam renda superior a média da cidade⁷. Outro exemplo da importância de migrantes com elevado capital global em Florianópolis pode ser vislumbrado no expressivo contingente de novos moradores que se transferiu para essa cidade atraídos pelos concursos públicos abertos durante a expansão da

⁶ Capital global se refere à intersecção em um mesmo agente social de substantivo capital econômico e capital cultural, conforme: BOURDIEU, Pierre. *Espaço Social e Espaço Simbólico*. In: *Razões práticas*. Sobre a Teoria da Ação. Campinas: Papyrus, 2005. p.19.

⁷ MARCON, Maria Teresinha de Resenes. *A Metropolização de Florianópolis: o papel do Estado*. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Florianópolis, 2000.



Universidade Federal de Santa Catarina e da Universidade do Estado de Santa Catarina nas décadas de 1980 e 1990⁸.

Levando-se em conta esses fatores o objetivo dessa pesquisa é entender o processo de produção de diversas identidades em Florianópolis nas últimas décadas do século XX. Considerando, conforme Barth (1997), que as identidades sociais surgem inextricavelmente associadas a contrastes, é possível verificar em Florianópolis a emergência de uma configuração social propícia ao aparecimento de identidades. Isso porque se de um lado ocorreu um movimento migratório de pessoas com substantivo capital global, por outro, havia também em Florianópolis pessoas portadoras de elevado capital global (especialmente aquelas que escreviam nos jornais locais).

A perspectiva adotada para o estudo das identidades em Florianópolis nessa hipótese está relacionada com as considerações teóricas de Pierre Bourdieu (1989). Para esse autor as identidades são uma forma particular de representação de um espaço social que procura reunir determinadas pessoas em um grupo em detrimento de outras consideradas não pertencentes a esse grupo.

Um exemplo das identidades surgidas em Florianópolis pode ser encontrado nas palavras do mais conhecido comunicador de Santa Catarina no momento em que ele procura delinear algumas características dos moradores do município. Quando indagado sobre o que seria o *ilhéu*, termo que nas suas crônicas aparentemente faz referência ao morador da parte insular de Florianópolis, ele assim se expressa:

Ser ilhéu é falar a nossa maneira. É não se curvar a esses ricos paulistas, paranaenses, gaúchos que vem para cá tirar onda. É manter tua autenticidade, tua simplicidade, tua personalidade, teu estilo de vida. Nós somos melhores do que eles. Nós andamos de havaianas antes da havaiana fazer essa mídia na televisão. Antes da Gisele Bündchen fazer propaganda da havaiana o manezinho, o ilhéu, já andava de havaiana. Claro! Nós somos pescadores... Agora você liga uma rádio de Florianópolis e escuta um comunicador gaúcho como o Luis Carlos Prates chamar todo mundo aqui de vagabundo porque tem uma garotada dirigindo sem camisa vindo da praia... Porque tem tatuagem... O que é isso? Se eu for fazer isso no Rio Grande do Sul o que eles fazem comigo? Eles me deportam na mesma hora.

⁸ ALVES, Pedro Assumpção & BAENINGER, Rosana Aparecida. *Região metropolitana de Florianópolis: migração e dinâmica da expansão urbana*. In: Anais do XVI Encontro Nacional de Estudos Populacionais: as desigualdades sócio-demográficas e os direitos humanos no Brasil. 60 anos da declaração dos direitos humanos, 29 de setembro a 03 de outubro de 2008. Caxambu: ABEP, 2008.



Como é possível notar existe por parte do depoente o esforço de elaboração de uma representação peculiar sobre os florianopolitanos. Ao identificar algumas características que segundo ele definiriam o perfil dos moradores nascidos na cidade, o depoente opõe essas pessoas (que teriam um modo de viver “simples”) aos migrantes (que teriam um comportamento pouco respeitoso com as formas de viver dos florianopolitanos).

Por fim, cabe indicar as balizas temporais dessa hipótese de pesquisa. O marco inicial é o começo da década de 1970, mais precisamente o ano de 1971, momento em que foi concluída a rodovia BR 101 em Santa Catarina o que facilitou a chegada de migrantes e a presença de turistas em Florianópolis. O ano limite se refere ao ano do término do primeiro mandato da ex-prefeita Ângela Amin (em 2000). Esse ano foi escolhido porque durante as eleições que a elegeram em 1996 a percepção de que Florianópolis estaria sendo alvo de uma invasão de gaúchos foi explorada politicamente na cidade.

Fontes (depoimentos)

MENEZES, Cacau. Depoimento concedido ao autor.

ROSA, Airton da. Depoimento concedido ao autor.

SOUZA, Maurina. Depoimento concedido ao autor.

Fontes (impressas)

MENEZES, Cacau. DIÁRIO CATARINENSE. Florianópolis, 03 out. 1992.

MENEZES, Cacau. DIÁRIO CATARINENSE. Florianópolis, 10 abr. 1998.

PEQUENO DICIONÁRIO BRASILEIRO DA LÍNGUA PORTUGUESA. Rio de Janeiro, Ed. Civilização Brasileira: 19--.

STODIECK, Beto. O ESTADO. Florianópolis, 06 dez. 1974.

STODIECK, Beto. O ESTADO. Florianópolis, 07 setembro 1988.

Fontes (dados censitários)

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Dados censitários dos censos de 1960, 1970, 1980, 1991 e 2000.



Referências

- ALVES, Pedro Assumpção & BAENINGER, Rosana Aparecida. Região metropolitana de Florianópolis: migração e dinâmica da expansão urbana. In: Anais do XVI Encontro Nacional de Estudos Populacionais: as desigualdades sócio-demográficas e os direitos humanos no Brasil. 60 anos da declaração dos direitos humanos, 29 de setembro a 03 de outubro de 2008. Caxambu: ABEP, 2008.
- BARTH, Fredrik. Grupos Étnicos e suas fronteiras. In: POUTIGNAT, Philippe; STREIFF-FENART, Jocelyne. Teorias da etnicidade seguido de grupos étnicos e suas fronteiras de Fredrik Barth. São Paulo: Ed. da UNESP, 1997.
- BOSI, Eclea . Memória e sociedade: lembranças de velhos. São Paulo: T.A. Queiroz, 1979.
- BOURDIEU, Pierre. Espaço Social e Espaço Simbólico. In: Razões práticas. Sobre a Teoria da Ação. Campinas: Papirus, 2005.
- _____. A identidade e a representação. Elementos para uma reflexão crítica sobre a idéia de região. In: O poder simbólico. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989.
- CERTEAU, Michel de. A escrita da história. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982.
- FALCÃO, Luiz Felipe. Quando os “nativos” e os “haoles” se encontram. In: XXIII Simpósio Nacional de História, 2005, Londrina. Anais do XXIII Simpósio Nacional de História. Londrina: ANPUH e Universidade Estadual de Londrina, 2005.
- MAFESOLLI, Michel. A conquista do presente. Rio de Janeiro: Rocco, 2005.
- MARCON, Maria Teresinha de Resenes. A Metropolização de Florianópolis: o papel do Estado. Dissertação (Mestrado em Geografia) - UFSC, Florianópolis, 2000.
- SENNETT, Richard. Carne e pedra: o corpo e a cidade na civilização ocidental. 2. ed. Rio de Janeiro: Record, 2001.